

Prelúdio às mídias globais

Aluizio Alves Filho

O título “A invasão do videocassete” estampado na capa da revista *Veja*, publicada em 22 de julho de 1981, chamava a atenção para a última maravilha então colocada na ordem do dia pela revolução técnico-científica (RTC). Na matéria que a revista trazia a respeito do videocassete, a maravilha que viera do Oriente era assim apresentada:

Esse invasor japonês que grava e desgrava tudo o que se pode imaginar, desde filme a programa de culinária, curso de línguas ou séries culturais, começa a ocupar o seu lugar nas salas de estar brasileiras, depois de mudar o hábito de pelo menos 2 milhões de famílias americanas (*Veja*, 1981:40).

A revista definia o videocassete como de uso da “alta classe média” e calculava que já existam cerca de 50 mil aparelhos espalhados pelo Brasil. Considerava que entre as dificuldades para a expansão do seu uso estava o elevado custo, pois os aparelhos eram importados ou chegavam ao país via contrabando. Havia ainda o problema de pagar o preço da conversão do sistema adotado nos EUA (NTSC) para o usado no Brasil (Pal-M). A matéria explica que outra opção era instalar uma chave capaz de operar em um ou no outro sistema. *Veja* entendia que a novidade tinha alta potencialidade de mercado citando, como evidência, a rápida multiplicação pelos centros urbanos de lojas que alugavam filmes gravados em fitas cassetes e o alastramento de vendas de aparelhos no interior do país. Entre os costumes que a revolução trazida pelo inesperado surgimento do videocassete estava a montagem de videotecas, muitas tipificadas por coleções temáticas. A matéria destacava que

Telê Santana, à época técnico de futebol da seleção brasileira, estava montando uma *futebolteca* enquanto Mario Henrique Simonsen, ministro da Fazenda, grande conhecedor de ópera, montava uma *operoteca*.

A matéria em questão teve por título “A libertação do videocassete” e como é típico das publicadas nas páginas da Veja, é recheada de seletas informações e escrita em linguagem direta e em tom coloquial. Veja enfatizava a potencialidade do produto e realisticamente deixava antever sua rápida expansão e durabilidade como bem de uso. Entretanto, decorridas pouco mais de três décadas entre a publicação da matéria e os dias presentes, o prognóstico sobre o futuro radioso do videocassete não ocorreu, dando-se exatamente o contrário. Há mais de uma década que o produto não está mais à venda nas lojas do ramo e nem ao menos faz parte dos aparelhos encontráveis nos lares brasileiros. No início dos anos 1990 o videocassete já dava claros sinais que entrara em desuso após reinar por cerca de um decênio. Atualmente, o videocassete é apenas uma sucata, um lixo eletrônico, um trambolho que ninguém usa, quer ou sabe direito como dar sumiço. Provavelmente, os jovens com idade próxima aos 20 anos nem saibam do que se trata. A palavra videocassete sumiu até da nova língua que se fala na era digital. A pista que deles restam são fitas-cassetes de filmes, shows musicais e eventos esportivos, objetos que há poucas décadas atrás eram fabricados aos borbotões, vendidos a preços módicos em bancas de jornal e febrilmente consumidos e colecionados e que hoje são vendidos a preço de banana em sebos ou por camelôs.

Para bem compreender as razões da vertiginosa ascensão do videocassete, seguida de sua abrupta queda, é necessário levar em conta que o seu aparecimento e grande sucesso ocorreu na virada dos anos 1970 para os 1980 e que os rápidos avanços da “revolução científica-tecnológica” (RCT) tornaram-no um aparelho inteiramente obsoleto num curto espaço de tempo. O videocassete pode ser tomado, entre outros engenhos eletrônicos ligados à indústria da comunicação que lhe são contemporâneos, como o símbolo maior, como um substantivo marco divisório entre um paradigma midiático que estruturado ao longo de décadas do século XX chegava ao fim, e o começo de outro. Referimo-nos à ascensão e queda do velho paradigma comunicacional, o das mídias nacionais, e o acachapante triunfo do atual, o das mídias globais. O primeiro se articulou e reinou no Ocidente durante grande parte do século XX sendo, em seus estertores, substituído pelo paradigma contemporâneo.

Escrevendo nos primórdios do novo milênio, ao estabelecer comparação entre as condições mais gerais do funcionamento do velho paradigma midiático com o atual, observou um estudioso.

O sistema de mídia nacional era exemplificado pelas indústrias domésticas do rádio, da televisão e dos jornais. Havia importante mercado de importação de filmes, programas de TV, músicas e livros, e que tendiam a ser dominados por

empresas sediadas nos Estados Unidos. Mas os interesses comerciais locais, combinados às vezes com um serviço de rádio ou TV estatal, predominavam. Tudo isso está mudando, e mudando depressa. Enquanto antigamente os sistemas de mídia eram primariamente nacionais, nos últimos anos surgiu um mercado global de mídia comercial (Macchesney, 2003:219).

Na passagem acima reproduzida o autor chama a atenção para uma diferença crucial entre o velho e o novo paradigma midiático. O velho era um sistema de comunicação de massa restrito nos limites de cada Estado nacional, uma vez que tinha a conter a sua capacidade de expansão tanto limites técnicos quanto políticos. O novo, que cada vez foi se tornando mais liberto de tais entraves, faz com que as informações, sons e imagens cheguem a toda parte, ao vivo e em tempo real. É no sentido indicado que nos referimos ao videocassete, visto como uma espécie de “joia da princesa” quando invadiu o mercado eletrônico no início dos anos 1980, apenas como um marco divisório entre o velho e o novo paradigma. Por exemplo, se por um lado o videocassete libertava o usuário da programação e da grade horária das salas de projeção e das estações de TV quando quisesse assistir a um filme determinado, podendo gravá-lo ou alugá-lo e assisti-lo quando bem lhe aprouvesse e quantas vezes quisesse, por outro lado permanecia prisioneiro dos limites nacionais inerentes ao velho paradigma.

Ditas essas palavras preambulares acrescentamos que o sentido primordial do problema que está em questão no presente texto está integralmente contido no título que nele colocamos: *Prelúdio às mídias globais*. Pretendemos dizer algo de basilar acerca das condições históricas – quer sejam produto da RCT, de causas políticas, econômicas e de outras naturezas sociais – que direta ou indiretamente contribuíram para que nos estertores do século XX se estruturasse o atual paradigma comunicacional, pedra de toque da contemporaneidade. Assim entendido, o que está no centro da questão não é adentrar e examinar a fundo alguma particularidade das mídias globais e sim o tecer considerações sobre o seu prelúdio, ou seja, sobre as condições que as precederam, anunciando e preparando o parto.

A primeira fase do prelúdio: considerações sobre o paradigma das mídias nacionais (1930-1970)

Tomando como referência o caso brasileiro, começamos a nossa viagem pelo prelúdio às mídias globais refletindo sobre o sistema de comunicação que precedeu o advento e articulação de tais mídias enquanto paradigma. No caso, começamos pelo sistema de comunicação de massa que no Brasil se estruturou nos anos 1930 e a partir de então se desenvolveu durante décadas, tendo por cerne empresas nacionais e cuja área de expansão estava contido pelas fronteiras do Estado nacional.

Há forte consenso entre estudiosos que a Revolução de 1930 é o divisor de águas entre o Brasil arcaico e o moderno. Sem dúvida, foi a partir da chegada de Getúlio Vargas ao poder que o projeto da modernização do país pela via da construção de uma sociedade urbana-industrial foi ganhando força entre nós e, mesmo que aos trancos e barrancos, deslanchando. Inicialmente o Rio de Janeiro, capital do país desde 1808 e a cidade de São Paulo, a mais rica da federação, ambas situadas no sudeste, foram as grandes beneficiadas com políticas modernizantes. Não é uma mera coincidência que as primeiras estações de rádio e de televisão, assim como as primeiras empresas cinematográficas brasileiras tenham encontrado morada no eixo Rio-São Paulo. Anteriormente fizemos uma citação de Macchesney onde o pesquisador norte-americano observa que o rádio, o cinema assim como jornais e revistas constituíam os meios de comunicação básicos do sistema de mídias nacionais. A esses meios acrescentamos a televisão que desde a sua introdução no Brasil, nos primórdios da década de 1950, é parte constitutiva e imprescindível do funcionamento do referido sistema.

Jornais, revistas, rádio, cinema e televisão são meios de comunicação que um dia nascidos nos centros hegemônicos do sistema capitalista em outro chegaram e se espalharam pelos países da sua periferia. No caso brasileiro, foi a partir do projeto de urbanização e industrialização alavancado pela Revolução de 1930 que foram criadas condições materiais, mormente no eixo Rio/São Paulo, para o florescimento de meios de comunicação de massa. Tais meios, uma vez constituídos, fossem estatais ou privados, se alimentavam de muitos produtos estrangeiros, como filmes, músicas, e notícias transcritas da imprensa de além-mar ou recebidas de agências internacionais.

Sobre o rádio

A primeira transmissão radiofônica oficialmente realizada no país ocorreu em 7 de setembro de 1922, como parte da abertura dos festejos na Exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Coube ao presidente da República Epiácio Pessoa discursar abrindo a programação.

O então discurso do presidente, em meio ao clima festivo do evento, abriu a programação da exposição, tornada possível por meio de um transmissor de 500 watts, fornecido pela empresa norte-americana *Westinghouse* e instalado no alto do Corcovado. Apenas 80 receptores espalhados na capital e nas cidades fluminenses de Niterói e Petrópolis acompanharam a transmissão experimental, que teve ainda música clássica – incluindo a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes – durante toda a abertura da exposição (Virgílio, 2012).

Somente cerca de um ano após a transmissão pioneira tiveram início as transmissões radiofônicas regulares em nosso país. A primeira estação foi a Radio Sociedade do Rio de Janeiro, instalada na Escola Politécnica-RJ¹ e dirigida pelo professor Edgar Roquette-Pinto. Na década de 1920 “surgem apenas 19 emissoras em todo o país, e seu raio de ação, devido à falta de aparelhamento adequado, se reduz aos limites das cidades onde operavam” (Ortiz, 1988:39). Os primeiros aparelhos receptores eram bem simples e de fabricação caseira. Tornaram-se conhecidos como “rádio de galena”, por ser este o nome do cristal que funcionava como peça chave de sua fabricação. Os rádios de galena só podiam ser ouvidos individualmente. As programações das emissoras cobriam apenas uma pequena parte do dia, tinham objetivos educacionais e atendiam à demanda de consumidores de bom poder aquisitivo. As programações centravam-se na transmissão de óperas, músicas clássicas e conferências.

No Brasil da década de 1920 o rádio funcionava de forma bastante precária em decorrência tanto das técnicas de transmissão e recepção de que se valia quanto por serem as mensalidades pagas por um exíguo número de associados, sua única fonte de arrecadação. Na década seguinte, no bojo de mudanças em curso, o rádio passaria a ser um lucrativo produto comercial. Entre as mudanças que mais diretamente alavancaram o rádio no sentido especificado estão:

a) o decreto 21.111/1932 do presidente Getúlio Vargas autorizando as empresas radiofônicas a venderem até 10% da programação para anunciantes. Esse percentual foi ampliado para 20% pela legislação, em 1952. Assim o rádio passou a ter uma crescente fonte de financiamento, atraindo grande número de clientes nacionais e estrangeiros.

b) a chegada ao comércio de aparelhos de rádio que funcionavam à base de válvulas e dispoem de autofalantes. Estes aparelhos na gíria da ocasião chamados de “rabo-quente”, pois às válvulas os esquentavam muito, aposentaram o velho rádio de galena, na medida em que propiciavam uma bem melhor qualidade de transmissão, assim como podiam ser ouvidos coletivamente.

Nas novas condições criadas – venda de propaganda tornando lucrativas as empresas radiofônicas e melhores condições de transmissão e recepção – o número de estações radiofônicas e de ouvintes foram se multiplicando da noite para o dia, na mesma medida em que as programações foram ganhando contornos cada vez mais populares e as transmissões ampliadas quanto a horas no ar diariamente. O fenômeno do nascimento do rádio como meio de comunicação de massa entre os anos de 1930 e 1950 pode ser bem ilustrado com o seguinte exemplo: na década de 1920 foram inauguradas 19 estações de rádio no Brasil, em 1950 havia 300.²

A Rádio Nacional, sediada no Rio de Janeiro e constituída em plena vigência do Estado Novo, em 1938, quando o governo Vargas estatizou a antiga Sociedade de Rádio Philips do Brasil, ocupou um lugar ímpar no cenário político e cultural

brasileira nas décadas de 1940 e 1950. Estatizada com o propósito de ser o canal de comunicação oficial do governo, a Rádio Nacional contou com dotação orçamentária que a possibilitou marchar na vanguarda de um conjunto de inovações. Durante bom tempo foi a única emissora que tinha condições financeiras e técnicas para transmitir em ondas curtas, atingindo dessa forma todo território nacional. Entre as principais audiências obtidas pela Rádio Nacional estiveram as radionovelas e os programas de auditório. Das mais de 800 radionovelas que a Rádio Nacional transmitiu entre 1941 e 1959 a de maior sucesso foi *O direito de nascer*, novela de autoria do cubano Felix Caignet, traduzida do espanhol para o português por Eurico Silva, cujos mais de 300 capítulos foram ao ar de segunda a sexta feira entre os anos 1951 e 1954. Cesar de Alencar era o apresentador do principal programa de auditório da Rádio Nacional (Programa Cesar de Alencar), um show de variedades que ocupava diversas horas da grade da programação da emissora nas tardes dos sábados e que culminava com músicas do repertório e interpretados por Emilinha Borba, a estrela maior do espetáculo.

Especificamente no campo da comunicação social a inovação mais substantiva da Rádio Nacional ocorreu no rádio jornalismo com a criação do *Repórter Esso* em 1941, Este noticiário que tinha entre seus slogans “testemunha ocular da história”, foi o primeiro no rádio no Brasil a trabalhar com noticiário atualizado e não apenas com informações de segunda mão tendo por fonte recortes de jornais. O noticiário era patrocinado pela poderosa multinacional norte americana Standard Oil Company of Brazil e o propósito central de sua criação foi a necessidade de ter um possante canal de comunicação que dava informações do que estava ocorrendo no *front*, na Segunda Grande Guerra (1939-1945), do ponto de vista do Pacto dos Aliados, posto em curso no citado ano.

Sobre o cinema

A Atlântida e a Vera Cruz foram empresas pioneiras da cinematografia nacional, antes delas era parco o número de filmes anualmente produzidos no país. A Atlântida Cinematográfica foi fundada no Rio de Janeiro, em 1941, por Moacir Fenelon e José Carlos Burle e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz em São Bernardo do Campo, São Paulo, em 1949, por Franco Zampari e Francisco Matarazzo Sobrinho.³

A empresa carioca produziu perto de 70 filmes entre o ano de sua fundação e 1962, quando encerrou suas atividades. O primeiro longa-metragem da Atlântida foi *Moleque Tião* (1942), estrelado por Grande Otelo, nome artístico de Sebastião Prata. O roteiro desse longa-metragem, tendo como referência a vida do ator que o estrelou, conta as agruras vividas por um jovem pobre e negro que um dia vindo de Uberlândia-MG, sua cidade natal, para a capital da República, passou por muitas dificuldades na busca da realização do sonho de ganhar a vida como artista, até

conseguir encontrar oportunidade para mostrar e ver reconhecido o seu talento.

A empresa paulista produziu cerca de duas dúzias de longas-metragens entre a fundação e 1958, quando entrou em decadência envolvida por um conjunto de fatores, entre estes:

a) a ausência de um sistema eficaz que lhe permitisse uma boa distribuição de seus filmes pelas salas de projeção, fortemente controladas pelas distribuidoras norte-americanas;

b) por razão similar à anterior, encontrava grandes dificuldades de colocação de filmes no mercado externo;

c) empréstimos vultosos realizados junto ao sistema bancário para financiar filmes, criando grandes dívidas.

Tendo por produtor Alberto Cavalcanti, por roteirista e diretor Adolfo Celli e por cenário uma ilha situada no litoral paulista, *Caiçara* (1950) foi o primeiro filme produzido pela Vera Cruz. O enredo gira em torno da solidão e angústia vivida por uma jovem que foi residir na ilha em decorrência de seu casamento, apresentado como desastroso. Referindo-se a *Caiçara*, o diretor da película observou: “Se o público que nos assistir reconhecer em ‘Caiçara’ as características de sua terra, poderemos então orgulhar-nos de ter encontrado uma linguagem cinematográfica, realmente brasileira” (Anhemi, 1951: 178).

Fora de nossos propósitos aqui polemizar sobre a questão de se *Caiçara* realmente apontava para a criação de uma linguagem cinematográfica nacional ou não. O que nos interessa destacar na observação de Adolfo Celli é que ela dá uma boa pista para que se possa perceber uma diferença estrutural entre o projeto cinematográfico da Atlântida e da Vera Cruz. Enquanto a proposta desta implicava na construção de uma cinematografia de boa qualidade e voltada para temas nacionais, quer fossem relacionados à nossa história, cultura ou aspectos do cotidiano, tendo como propósito levar o público a refletir a respeito; a proposta daquela esgotava-se num projeto apenas comercial, o de produzir filmes baratos do gênero comédias, capazes de conseguir em curto espaço de tempo bom retorno financeiro. A quase totalidade dos filmes da Atlântida foram produzidos nas décadas de 1940 e 1950. Os mais lucrativos tinham por moldura o carnaval carioca e tornaram-se conhecidos como chanchadas.

Existem controvérsias sobre a origem do termo chanchada, não sendo conhecido ao certo quem primeiro o utilizou, nem como o seu uso se generalizou. Entretanto, pode-se dizer que o termo chanchada, nas décadas em que foram produzidas, era utilizado num duplo e contraditório sentido. Por um lado, de forma dominante, o termo chanchada tinha sentido pejorativo, significando filme de má qualidade, porcarias. Por outro, a propaganda feita pela empresa acusada de produzir em larga escala tais “porcarias”, valia-se do mesmo termo com significado inteiramente diverso ao do uso dominante, ou seja, com sentido positivo. No caso, visando atrair público,

o termo chanchada aparecia em *trailers*, cartazes e outras formas de propaganda da Atlântida com o sentido de filme agradável, alegre e divertido.

O carro chefe da Atlântida era a produção anual de uma chanchada para ser lançada numa rede de cinemas durante o reinado de Momo. Essas chanchadas carnavalescas faziam grande sucesso, lotando as salas de projeção onde quer que fossem exibidas em território nacional. Lançadas nas salas de projeção da capital da República percorriam um longo périplo circulando por todo o país. As chanchadas carnavalescas, tendo por centro de referências os comediantes Oscarito e Grande Otelo; recheadas da apreentação de músicas carnavalescas cantados por intérpretes da Rádio Nacional; filmadas em hotéis burgueses, praias e outros locais aprazíveis da Cidade Maravilhosa; emolduradas por histórias toscas e paralelas envolvendo bandido e mocinho e um romance atrapalhado por alguma circunstância contornável, invariavelmente terminavam com a vitória do bem sobre o mal e o *happy end* amoroso.

O mais laureado filme da Vera Cruz foi *O cangaceiro* (1953), dirigido por Lima Barreto, que recebeu no Festival de Cannes o prêmio do melhor filme de aventuras e o de melhor trilha sonora. Estes foram os primeiros prêmios internacionais conquistados pelo cinema brasileiro. A vitória em Cannes possibilitou que o filme fosse exibido em número expressivo de países europeus. Mas esse espaço aberto no mercado externo foi uma exceção da regra, pois desde seus primeiros passos até à presente era das mídias globais a indústria cinematográfica nacional sofre um forte cerco da dominação monopolística que Hollywood exerce no mundo cinematográfico, afetando a sua expansão tanto externamente como internamente, quer seja pelas dificuldades criadas para encaixe de filmes brasileiros no exterior como por mecanismos de controle exercido sobre as salas de exibição e outras formas de apresentação de películas cinematográficas.⁴

Sobre a televisão

A primeira estação de televisão da América Latina foi a TV Tupi de São Paulo, pertencente aos Diários Associados de Assis Chateaubriand. A estação fez sua transmissão inaugural em setembro de 1950. Quatro meses depois, em janeiro de 1951, Chateaubriand inaugurou na capital da República a TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1955 a TV Itacolomi em Belo Horizonte e em 1959 a TV Piratini em Porto Alegre. Na década seguinte muitos outros canais surgiram. No Rio de Janeiro, nos anos 1950, além da Tupi só existiram dois outros canais: a TV Rio, fundada em 1955 e a TV Continental, fundada em 1959. Nenhuma destas estações existe mais. As quatro primeiras citadas, pertencentes aos Diários Associados, estiveram no ar desde a sua fundação até perderem as concessões em 1980, atigidas por forte crise econômica que culminou com a bancarrota e a extinção do império Chateaubriand.⁵

As estações de TV brasileiras surgidas nos anos 1950, em regra, pagaram com a falência o preço do pioneirismo. Entre as principais dificuldades que encontravam, impossibilitando que prosperassem como indústrias culturais, estão:

a) as imagens eram transmitidas para os aparelhos receptores a partir de uma torre colocada em algum ponto estratégico da cidade onde a estação funcionava. Levando em conta o caso das duas primeiras estações de TV dos Diários Associados, em São Paulo, a torre, foi colocada no topo do prédio do Banespa, no centro, e no Rio de Janeiro no morro da Urca, na zona sul da cidade. A área geográfica em que as ondas podiam ser captadas era muito restrita, não ultrapassando 100 quilômetros, o que limitava imensamente a quantidade de pessoas que poderiam captar as transmissões em suas residências;

b) até meados dos anos 1950 os aparelhos de TV não eram fabricados no Brasil e o preço do produto importado era elevado para o bolso das camadas médias e pobres da população. O público da TV era então constituído apenas por pessoas de bom poder aquisitivo;

c) o fato do preço do aparelho de TV ser proibitivo para amplas camadas da população limitava muito sua expansão e uso. Havia também o custo da instalação de uma antena receptora para captar a imagem transmitida, fator que encarecia ainda mais ter um aparelho de TV em casa;

d) o alto custo do investimento da instalação de uma estação de TV e o baixo faturamento. Sendo a televisão uma novidade, não havia hábito de assisti-la, reduzido era o número de aparelhos e incipiente a audiência. Por tais motivos, a televisão não atraía anunciantes dispostos a comprar espaço de propaganda pagando preço capaz de torná-la economicamente viável. Há dados disponíveis que indicam que em 1951 existiam apenas 3500 aparelhos de TV em uso no país e, em 1959, o total não chegava a 600 mil.⁶

A programação das emissoras não cobria as 24 horas do dia e eram basicamente compostas por filmes de procedência norte-americana (longas metragens, desenhos animados e seriados), telenovelas, transmissões de partidas de futebol, noticiários (inclusive o *Repórter Esso*, na TV Tupi), peças teatrais, show de variedades e outros programas de auditório adaptados para a televisão da forma como existiam no rádio.

Na década de 1960 inovações trazidas pela RCT permitiram que a TV fosse colocada em um novo patamar como meio de comunicação de massa. De meio de uso restrito a TV passou a ser o centro da comunicação de massa e uma espécie de “galinha dos ovos de ouro” da indústria cultural. Entre as muitas inovações trazidas pela RCT destacamos duas: o videoteipe e o satélite. O primeiro barateava de forma significativa o custo de produção dos programas ao vivo, pois os programas “videoteipados” podiam ser reproduzidos em dias e horários distintos e quantas vezes a emissora quisesse. O segundo aumentava quantitativamente a área de captação das ondas televisivas, possibilitando que o meio se estruturasse em forma de rede

nacional. Nesse novo contexto, a TV Globo, inaugurada em 1965, ao mesmo tempo que inovou e dinamizou a maneira de fazer televisão, tendo investindo na contratação de profissionais de primeira linha (atores, cantores, apresentadores, jornalistas, administradores, técnicos, etc.), manteve-se profundamente afinada com os ideais dos militares que, pelo golpe de Estado de abril de 1964 encastelaram-se no poder. Em pouco tempo tornou-se a primeira rede de televisão a funcionar a pleno vapor como empreendimento comercial bem sucedido.

Sobre os meios impressos

Jornais e revistas impressas completam o quadro dos meios de comunicação que compõem o núcleo central do paradigma das mídias nacionais, que precedeu o contemporâneo paradigma das mídias globais.

O primeiro jornal legalmente editado em território nacional foi a Gazeta do Rio. O acontecimento faz parte da série de melhoramentos pelos quais o Rio de Janeiro passou, a partir de 1808, em virtude da vinda da família real portuguesa para o Brasil, fugindo do bloqueio continental decretado por Napoleão Bonaparte. Após uma breve estadia na Bahia a família real rumou para o Rio de Janeiro, onde fixou residência e instalou a corte.

Além dos evidentes problemas que a cidade passou com o súbito e expressivo aumento populacional derivado da chegada de cerca de 15 mil pessoas oriundas de Portugal, o governo adotou um conjunto de medidas políticas e administrativas visando adequar as precárias condições infra-estruturais do Rio de Janeiro aos hábitos da Corte que nela passava a viver (Alves Filho, 2009:103).

Antes da transferência da sede do governo português de Lisboa para o Rio de Janeiro era proibida a impressão de livros e jornais em qualquer uma das colônias lusitanas, sujeitas a controle político draconiano. A retirada da proibição no Brasil permitiu o florescimento de jornais entre nós. Muitos abraçariam causas nacionais como a luta pela independência, pela abolição e pela República. Os dois mais antigos jornais brasileiros que estão em circulação até os dias atuais foram fundados no Primeiro Reinado, são: O Diário de Pernambuco – fundado por José de Miranda Falcão em 1825 e o Jornal do Commercio – fundado no Rio de Janeiro por Pierre Plancher em 1827. No Segundo Reinado surgiram muitos jornais e apareceram as primeiras revistas ilustradas.⁷ Mas não se pode dizer que se tratava de meios de comunicação de massa, uma vez que as condições sociais para que tal ocorresse, conforme já considerado, só surgem no período republicano, após a Revolução de 1930. A multiplicação de pontos de vendas (bancas de jornal), o aumento das tiragens, a gradual melhoria das condições de impressão, de apresentação e da diversificação

das seções, o aparecimento de fábricas de papel no Brasil, estão entre as aludidas condições sociais que alicerçaram a expansão de jornais e revistas como meio de comunicação massivo.

A revista *O Cruzeiro*⁸, inicialmente dirigida pelo jornalista Carlos Malheiros e posteriormente por Accioly Netto, pertencente à já citada organização Diários Associados, de Assis Chateaubriand, teve o seu primeiro número lançado em 10 de novembro de 1928, obtendo de imediato retumbante aceitação por parte do público. Entre os anos 1940 e 60 a revista era impressa em alta tiragem e esgotava sucessivas edições. Em 1954, a edição sobre o suicídio de Vargas vendeu cerca de 700 mil exemplares, marca difícil de ser atingida por publicações similares até nos dias em curso. Revista ilustrada, *O Cruzeiro* reinou absoluta no país desde o início de sua trajetória até 1952, quando a editora Bloch, de Adolfo Bloch, lançou uma publicação congênere: a revista *Manchete* – que passou a disputar mercado com a publicação de Assis Chateaubriand.

Entre outras novidades *O Cruzeiro* introduziu a fotorreportagem no país e, durante décadas, trazia em cada uma das suas edições, que eram semanais, uma charge que encontra colecionadores até hoje, a do *Amigo da Onça*, criação imortal do chargista Péricles. Publicação de cunho nacionalista, *O Cruzeiro* trazia muitas matérias sobre o interior do país, destacando belezas e riquezas naturais e diferentes aspectos de nossa diversidade cultural e étnica. De certa forma, *O Cruzeiro* apresentava o Brasil para os brasileiros numa época em que a precariedade dos meios de comunicação e de transportes funcionava com empecilho para que tal ocorresse com maior facilidade.

Entre os temas que foram objeto de fotorreportagens d'*O Cruzeiro* e que alcançaram grande repercussão social, destacamos duas: as diversas matérias que a revista publicou entre 1952 e 1954 sobre o romance entre o sertanista Ayres Câmara Cunha e a índia Diacuí⁹ e a sobre o aparecimento de um disco voador, fotografado em 1952, voando no céu da Barra da Tijuca.¹⁰

Ainda referente aos meios impressos é importante mencionar que *O Tico-Tico*, revista pioneira voltada para o público infantil, lançado em 1905 por Luís Bartolomeu Souza Silva, foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil, tendo tornado nacionalmente conhecidos personagens como Reco-Reco, Bolão e Azeitona, criações do artista plástico Luís Sá. A partir da década de 1930 *O Tico-Tico* passou a sofrer forte concorrência de quadrinhos norte-americanos, que invadiram o país trazendo e popularizando vários de seus super-heróis produtos de padrões culturais externos aos nossos. Esta invasão foi bem ampliada no pós 1945, invasão similar ao que acontecia com a indústria cinematográfica e depois ocorreria com a TV, imediatamente após a sua implantação no Brasil em 1950. Na ocasião, estava no auge a guerra fria e os Estados Unidos praticavam, em relação ao Brasil e aos demais países da América Latina a chamada “política de boa vizinhança”¹¹. Outras revistas

voltadas para público segmentado que surgiram ao Brasil no pós 1945 foram Grande Hotel (1951) e Capricho (1952), a primeira da editora Vecchi e a segunda da editora Abril. Ambas publicavam histórias românticas, combinando fotos e textos e tendo por alvo público feminino. Finalmente, observamos que na segunda metade da década de 1960 foram lançadas duas revistas, ambas pela editora Abril. Estas revistas muito inovaram o jornalismo na ocasião que surgiram: Realidade que circulou entre abril de 1966 e janeiro de 1976 e Veja, lançada em 1968 e em circulação semanal até os presentes dias.

A segunda parte do prelúdio: considerações sobre as décadas de transição entre o velho e o novo paradigma (1970-1990)

É comum que nas décadas que antecedem o fim de um século surjam especulações de diferentes procedências – que vão das paradisíacas às catastróficas – sobre o futuro que aguarda a humanidade. A passagem dos anos mil para os anos dois mil indicava não apenas o começo de um novo século, mas de um novo milênio. Era natural, portanto, que na medida em que o calendário avançava na segunda metade do século XX rumo ao novo milênio, antevisões e diagnósticos sobre o que estaria por vir nos novos tempos gerassem reflexões não apenas entre místicos, mas em meios políticos, acadêmicos e literários, fazendo surgir livros, artigos, matérias jornalísticas e outros tipos de produção a respeito.

A aldeia global, o choque do futuro, 2001 uma odisseia no espaço e o computador

Interessante observar que entre as décadas de 60 e 70 do século passado o material mais divulgado através de filmes, livros de ficção científica ou mesmo provenientes de centros de pesquisas acadêmicas sobre como seria o século XXI, a ideia do planeta conectado pelo moderno paradigma midiático estava longe de ser uma hipótese dominante. O autor desta hipótese foi o pesquisador canadense Herbert Marshall McLuhan, professor da Escola de Comunicação da Universidade de Toronto, criador na década de 1960 do conceito “aldeia global”. Valendo-se deste conceito que estabelecia uma analogia entre as relações vicinais típicas entre aldeões e o planeta pensado como unidade social, o autor de *The Gutenberg Galaxy* (1967) chamava a atenção para o fato de estar surgindo um sistema de comunicação que, impulsionado pelos avanços da RCT, estava transformando o planeta numa grande aldeia, onde todas poderiam se comunicar com todos.

Alvin Toffler, pesquisador acadêmico como McLuhan, também merece ser destacado devido ao trabalho sobre futurologia que publicou poucos anos após *Gutenberg Galaxy* vir a lume. Toffler, editor da revista Fortune e professor visitante da

Cornell University, é autor d'*O choque de futuro* (1970), livro que frequentou a lista dos *best sellers* durante largo período de tempo em muitos países, inclusive no Brasil. Na introdução, o autor observa que o batismo da expressão que cunhara, “choque do futuro”, que viria a ser o título do consagrado livro, ocorreu em 1965, num artigo que publicou na revista *Horizon*. Com a expressão visava “descrever a esmagadora tensão e desorientação que induzimos nos indivíduos ao sujeitá-los a uma carga de mudanças excessiva dentro de um tempo demasiadamente curto” (Toffler, 1971).

Apesar d'*O choque do futuro* não apontar para o papel decisivo que viria a ser exercido pelos meios de comunicação na configuração da sociedade da globalização, como aponta o conceito de “aldeia global” de McLuhan, atentava para relevantes e significativos aspectos do futuro que, sem que fosse politicamente planejado, no limiar da década de 1970 dava sinais de que estava se configurando. Entre tais aspectos o livro de Toffler colocava na ordem do dia questões como a morte da permanência e a transitoriedade das coisas.

Na década de 1960 entre os filmes voltados para a especulação sobre a vida no raio do novo milênio foi o hoje clássico *2001 uma odisseia no espaço* (1968) o que mais provocou debates sobre o mundo que estaria por vir. Trata-se de uma super-produção norte-americana, produzida e dirigida por Stanley Kubrick que, tendo por fio condutor um texto de ficção-científica de Arthur C. Clarke, refletia a respeito de temas futuristas como a utilização de naves na conquista do espaço e o uso da inteligência artificial.

2001 uma odisseia no espaço conta a história de uma equipe de astronautas norte-americanos que parte em missão secreta numa nave preparada para adentrar o espaço sideral e pilotada por um computador de última geração (Hal 9000) capaz de solucionar qualquer problema que porventura surgisse. A missão consistia em pesquisar um enigmático monólito negro encontrado no planeta Júpiter visando responder a um conjunto de questões, tais como: de que material era feito? Quem o colocou ali? Extraterrestres? A URSS? Porque razão? Seria uma desconhecida arma nuclear dos soviéticos? No desenrolar do filme, Hal, o computador, a inteligência artificial, adquire forma própria de pensar, enlouquece e volta-se contra os astronautas, julgando que os liquidando tornar-se-ia senhor absoluto de tudo.

O filme de Kubrick, uma ficção científica produzida em 1968 que, tendo por referencial a vida no ano 2001 apresenta os homens como dotados de revolucionárias e fantásticas tecnologias, deixa entre as questões que insinua ou aborda temáticas que nos ajudam a refazer algumas das ideias centrais que norteavam preocupações dominantes na época da produção do filme. Entre elas quais seriam os problemas estruturais que o alvorecer do próximo milênio herdaria do século XX. Entre tais temáticas estão a guerra fria, o conflito capitalismo x socialismo, as disputas espaciais entre os USA e a URSS, a corrida armamentista, o medo da eclosão da guerra nuclear que poderia significar o “fim do mundo”, o receio que o aprimoramento de

novos engenhos portadores de inteligência artificial, como o computador, pudessem adquirir autonomia em relação aos homens e voltar-se contra eles. Mas é importante frisar que os temas arrolados não faziam parte apenas do universo de obras de ficção científica e sim, de maneira substantiva, do imaginário social da época em tela. Por esta razão, consideramos que tais ideias sobre o futuro são facilmente identificadas em produções dos anos 1960 e 1970 balizando textos de diversas procedências: acadêmicos, políticos, artísticos, literários, jornalísticos, etc.

Em adendo ao dito, acrescentamos que o imaginário social dominante nas décadas imediatamente posteriores à Segunda Grande Guerra estava muito mais voltado para a luta travada pelas duas superpotências pela conquista do espaço do que para a tese de McLuhan sobre a formação de uma aldeia global configurada pelo avanço da RCT no campo da comunicação. Também acontecimentos políticos do início da década de 1990 que foram imprescindíveis para o surgimento do paradigma das mídias globais, como a dissolução da União Soviética, a crise geral do chamado socialismo real e o conseqüente fim da guerra fria não eram hipóteses aventadas como viáveis e concretamente só ganharam força após a queda do muro de Berlim (1989). Quanto ao computador, antes de se tornar em tempos ainda bem recentes objeto de uso mundialmente cada vez mais generalizado e corriqueiro e básico entre as ferramentas em que se apoia o paradigma das mídias globais, era visto como algo emblemático.

Até o fim dos anos 1970 os computadores eram máquinas enormes que permaneciam trancados a sete chaves em salas refrigeradas, propriedade de algumas poucas grandes empresas e operadas por pessoas altamente qualificadas para a função, e não um objeto até portátil e de uso simples. Em seus primeiros dias o computador – como aparece em *2001 uma odisseia no espaço* – era visto como uma incógnita, uma temível inteligência artificial capaz de competir com os homens e um dia vir a ser uma ameaça para eles.

Mídias globais: sintomas do parto

O paradigma das mídias globais não surgiu em decorrência de um meticuloso planejamento público ou privado que o implantou por etapas. Conforme argumentamos na sessão anterior, a ideia de que se aproximava a formação de uma sociedade globalizada tendo a interligá-la os meios de comunicação ao menos estava entre as hipóteses dominantes nas primeiras décadas da segunda metade do século passado a respeito de como deveria ser a vida nos primórdios do milênio prestes a chegar. Isto não quer dizer que o paradigma das mídias globais não tenha deixado pegadas anunciando que estava chegando. Nenhuma mudança social seja de pequeno ou grande porte, como é o caso das mídias globais, surge como produto do mero acaso ou da genialidade de um inventor, como costuma supor o senso comum. Ao con-

trário, e no caso das grandes transformações sociais elas são sempre produtos de um conjunto complexo de fatores e causas.

Nas pegadas deixadas pelos meios de comunicação entre as décadas de 1970 e o início dos anos 1990 a respeito de acontecimentos que anunciavam o parto, ou seja, o nascimento de uma civilização planetária tendo por força produtiva a impulsioná-la a RTC, vale destacar algumas dessas pegadas que deixavam antever o futuro da televisão como instrumento crucial do que hoje entendemos por globalização. Entre tais ressaltamos:

a) a chegada do homem à Lua (1969) transmitida ao vivo pela televisão para os quatro cantos da Terra. Este feito norte-americano ocorrido no âmago da guerra fria era uma clara resposta aos soviéticos que estavam na frente da corrida espacial desde 1957, quando lançaram o primeiro satélite artificial (Sputnik). Eram dois os objetivos políticos centrais dessa ousada aventura norte-americana no espaço com transmissão ao vivo da Lua para a Terra. Primeiro, exibir seu poder mundial e, segundo, deixar patente sua supremacia sobre a potência nuclear rival do leste europeu. A imagem do primeiro homem caminhando na Lua, o astronauta norte-americano Neil Armstrong, da missão Apollo 11, tanto causou deslumbramentos pelas possibilidades científicas que abria quanto desconfianças quanto à veracidade em relação ao que bilhões de olhos perplexos assistiam.

b) a transmissão da Copa do Mundo de Futebol realizada no México em 1970 feita pela TV via satélite, direto, ao vivo e em cores para diversas nações, inclusive a brasileira. Este foi o primeiro grande evento realizado em um país com transmissão internacional ao vivo. A transmissão para o Brasil teve caráter experimental, pois aqui poucas pessoas possuíam aparelho de TV em cores.¹²

c) o show *Aloha from Hawaii* (1973) do cantor Elvis Presley que foi o primeiro show musical transmitido ao vivo para cerca de 40 países. Calcula-se que foi assistido por mais de um milhão de pessoas. O show não foi transmitido ao vivo para o Brasil porque a condição de comprá-lo é que pelo menos metade dos televisores do país que receberia a imagem fossem coloridos, o que estava longe de ocorrer em nosso país.

As transformações políticas e econômicas do último cartel do século XX e o agente social das mudanças que dão as diretrizes ao contemporâneo paradigma midiático

Conforme já dito, foi tendo por forças produtivas a potencializá-la conquistas trazidas à baila pela RCT, como a TV a cabo, a telefonia celular e o computador que nos anos 1990, após décadas de gestação, o paradigma das mídias globais se impôs tornando corriqueiro que sons, imagens e informações passassem a chegar a toda parte em tempo real. A partir de então, o que até pouco tempo atrás parecia ficção tornou-se algo de factível e até banalizado, de tão presente hoje se encontra no co-

tidiano de milhares de pessoas mundo afora. Entretanto, é de bom alvitre, para não induzirmos a simplificação típica de explicações do senso comum, chamar a atenção para o fato de que o moderno paradigma comunicacional não é um produto único e exclusivo dos avanços de RCT. Para bem situar esta questão é preciso compreender o sentido e o significado das grandes transformações estruturais ocorridas na política e na economia mundial entre meados dos anos 1970 e inícios dos anos 1990. Também é preciso desnudar, para não deixar que permaneça incógnito, o agente social que viabilizou a formação do paradigma das mídias globais em fins do século passado, dando-lhe curso segundo propósitos e diretrizes determinadas.

As citadas grandes transformações estruturais ocorridas na política e na economia entre meados dos anos 1970 e início dos anos 1990 que criaram condições históricas para o surgimento do paradigma das mídias globais foram: o fim do ciclo das ditaduras com o correspondente renascimento da democracia em grande número de países europeus e latino-americanos e o advento do neoliberalismo, que surgiu e foi se consolidando após a crise do *welfare state* e de outras formas de sistemas econômicos que priorizavam ou davam papel fundamental ao Estado no planejamento econômico.

Até meados dos anos 1970 na Europa ocidental, nos dois países da península ibérica, Portugal e Espanha, estavam em plena vigência ditaduras que haviam sido implantadas antes da Segunda Guerra Mundial. Em Portugal, a ditadura, emoldurada num típico corporativismo de Estado, teve Antônio de Oliveira Salazar à sua frente, a comandá-la, entre 1933 e 1968. Marcelo Caetano sucedeu Salazar mantendo a ditadura, até que o regime espúrio foi derrubado em 25 de abril de 1974 pela Revolução dos Cravos e o sistema democrático de governo pode raiar na pátria lusitana. Na Espanha, a ditadura foi implantada ao fim da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), um conflito bélico que envolveu partidários de várias tendências ideológicas tendo por móvel central a questão monarquia *versus* república. O conflito terminou com a vitória dos adeptos da monarquia que, comandados pelo general Francisco Franco, instituíram um regime ditatorial nos moldes fascistas, bem em voga na década de 1930. Somente após a morte do ditador a Espanha, em 1975, voltou ao Estado de direito, adotando um regime de monarquia constitucional.¹³

Na segunda metade do século XX, no auge da guerra fria, as ditaduras encontraram morada em países da América do Sul e da América Central, tendo ocorrido na região diversos golpes de Estado apoiados pelos Estados Unidos. Golpes de Estado que depuseram governos constitucionais e os substituíram por ditaduras marcanamente anticomunistas. Entre os países que foram dominados por ditaduras do tipo citado e no período considerado, mencionamos (indicando entre parênteses o ano da implantação): Guatemala (1954), Paraguai (1954), Argentina (1962), Bolívia (1971)¹⁴, Uruguai (1973), Chile (1973) e República Dominicana (1978). Nos anos 1980, por um conjunto de circunstâncias que não vêm ao caso arrolar e analisar,

as ditaduras na América Latina foram caindo uma a uma até que no amanhecer da nova década, Cuba era a única ditadura remanescente na região.¹⁵

No ocaso da década de 1980 e começo da década seguinte as ditaduras também sumiram, desta vez do mapa na Europa oriental. Dois acontecimentos na região merecem menção especial pela importância que tiveram no desenrolar dos fatos: a queda do muro de Berlim, em 1989, e dois anos depois, em 1991, a extinção da União Soviética por decisão do seu próprio governo. A extinção foi devida à aguda crise político-econômica que acabaria por dismantelar inteiramente o antigo bloco socialista do leste europeu. No bojo e na sequência da crise, a antiga União Soviética e todos os países que compunham o Pacto de Varsóvia abandonaram o regime de economia socialista planificada e o da ditadura de partido único, adotando forma de organização política e econômica segundo padrões típicos da democracia representativa e do neoliberalismo, então na ordem do dia no Ocidente.

Paralelamente ao colapso das ditaduras no continente europeu e no americano entre meados da década de 1970 e o início dos anos 1990, ocorreu uma forte crise econômica no Ocidente. Crise recessiva que atingiu tanto os países hegemônicos do modo de produção capitalista quanto os periféricos. Entre as principais causas da recessão estão as duas altas do preço do petróleo na década de 1970.

Em 1973 ocorreu a primeira alta significativa no preço do petróleo no pós-guerra, provocando inflação atípica e desemprego nos polos hegemônicos do capitalismo. A crise aprofundou-se com a segunda alta do petróleo em 1979, cuja consequência foi a disparada da taxa de juros, criando mais desemprego e grande inflação nos países ricos. Para combater tais problemas Margaret Thatcher, que ocupou o cargo de primeiro ministro do Reino Unido entre 1979 e 1990, logo que assumiu, cortou programas e gastos sociais, reprimiu com truculência as reivindicações dos sindicatos e deu início a um amplo programa de privatizações – fazendo crescer as desigualdades, pela concentração da riqueza e da pobreza. Princípios políticos-administrativos similares ao da Dama de Ferro foram adotados pelo governo Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos entre 1981-1989. Ao lado dessas medidas, para combater a inflação interna e equilibrar as suas finanças os países ricos valeram-se de cláusula contratual para aumentar a taxa de juros das dívidas externas contraídas pelos países “emergentes”, mormente quando se encontravam governados por ditaduras. Dessa forma, os países ricos transferiram o ônus da sua recessão para os países “emergentes” que, cada vez mais endividados e impossibilitados de crescer, mergulharam no que ficou conhecido, nos anos 1980, como “crise da dívida externa”.

Nos anos 1980, premidos pelas circunstâncias políticas e econômicas externas adversas, os países latino-americanos foram levados a ter que fazer acordos altamente desvantajosos com os donos do sistema financeiro internacional, pois os governos dos países latino-americanos deixavam claro que não tinham como pagar ao menos as exorbitantes taxas de juros cobradas pelos empréstimos, que fará pagar o mon-

tante do valor dos empréstimos.¹⁶ O Fundo Monetário Internacional (FMI) serviu como o principal intermediário entre os banqueiros internacionais e os governos dos Estados latino-americanos “com a corda no pescoço”, impondo-lhes, para conceder novos empréstimos ou escalonar as dívidas já existentes que arrochassem salários, “flexibilizassem” direitos trabalhistas, aumentassem o preço de tarifas públicas, cortassem investimentos em áreas básicas como previdência educação e saúde, abrissem o mercado para o capital externo pelo fim de tarifas protecionistas e que privatizassem as empresas públicas mais lucrativas. Esse conjunto de medidas permitiu que o neoliberalismo até então um mero projeto econômico abstrato e uma vaga aspiração empresarial fosse se espalhando pelo mundo e se tornando realidade. E foi desta forma que:

Nos anos 90, o neoliberalismo, emergente no bojo de medidas adotadas por alguns estados como solução momentânea capaz de fazer frente à crise recessiva pela qual passava a economia ocidental, solidificou-se, expandindo-se não só pelas Américas e pela Europa Ocidental, mas também, em função do fracasso das economias centralizadas, pela antiga União Soviética e demais países que configuravam o *socialismo* no leste europeu (Alves Filho, 2009:13-14).

Após uma gestação que durou décadas, as condições dadas pelos avanços da RCT associados a duas condições conjunturais surgidas nos estertores do milênio passado possibilitaram a clara configuração de um novo paradigma midiático em substituição ao anterior: o paradigma das mídias globais. As condições conjunturais que propiciam o seu nascimento e asseguraram o seu triunfo, como vimos, foram a formação de um largo consenso internacional em torno do Estado democrático, após o colapso das ditaduras e o largo consenso criado em torno do livre mercado, após o fracasso de várias formas de planejamento com forte presença do Estado. Um paradigma como o de mídias globais que possibilita as informações, os sons e as imagens chegarem em toda parte em tempo real e que criou condições operacionais que permitem farto intercâmbio e interação social no *ciberespaço*, só pôde florescer com intensidade quando não mais havia ditaduras para interdita-lo e quando a crença no valor do livre mercado encontrava-se amplamente aceita. Mas esse contemporâneo “admirável mundo novo” – para usarmos o título do consagrado romance futurista de Aldous Huxley (1969)¹⁷ não teria surgido se não tivesse sido impulsionado pela verdadeira força motriz que move o capitalismo, ou seja: a busca incessante do lucro – como ensinou Max Weber (1967).¹⁸ É, portanto, o grande capital internacional a força motriz, o agente social que, perseguindo a obtenção de lucro racional (no sentido weberiano) move e operacionaliza as engrenagens desse fantástico paradigma comunicacional contemporâneo: o das mídias globais.

À guisa de conclusão

Muita água passou por baixo da ponte desde que em 18 de setembro de 1950, Sonia Maria Dorce, à época uma menina de cinco anos de idade, caracterizada como uma indiazinha tendo ao lado o desenho de um pequeno índio, que logo passaria a ser conhecido como o logotipo das TVs Tupi de Assis Chateaubriand, pronunciou na frente de uma câmera de TV, que colocava pela primeira vez uma imagem no ar para uma quantidade muito exígua de privilegiados telespectadores na cidade de São Paulo: “Boa noite. Está no ar a televisão no Brasil”. Assim foi dado início ao meio de comunicação que, em fins do século XX, viria a ser uma das pedras angulares do contemporâneo paradigma das mídias globais.

Nosso propósito no presente texto foi o de através da seleção e apresentação de fatores que ao longo do século XX – fossem produtos da RCT, de circunstâncias históricas, sociológicas, econômicas, culturais ou políticas – nos permitisse a elaboração, mesmo que em linhas abrangentes, de um quadro referencial que ajude a compreender as razões do recente aflorar do paradigma das mídias globais, pelo mapeamento e exposição de alguns aspectos marcantes do seu prelúdio.

Importou-nos também chamar a atenção para prognósticos que há aproximadamente meio século atrás foram feitos por profissionais de diversas áreas, destacando que acontecimentos como a crise do socialismo real que levou à extinção da antiga União Soviética e do bloco socialista do leste europeu, o fim da guerra fria, a popularização do uso do computador e o nascimento de uma economia mundializada e cada vez mais conectada pelos avanços da RCT, mormente no campo das comunicações, não estiveram entre as hipóteses dominantes ou mesmo plausíveis entre as que foram aventadas.

Começamos nossa abordagem pelo videocassete, entendido nos anos 1980 como uma maravilha que viera para ficar, mas que teve vida tão transitória e efêmera que os mais novos não hão de saber nem do que se trata. Entre outras novidades revolucionárias que trazia, o videocassete criava novas possibilidades de se assistir a um filme uma vez que liberava os interessados de ter que assisti-lo em horários determinados contidos em programações de salas de projeção ou emissora de televisão. Com as técnicas que após o videocassete vieram a tona foi criado um leque de opções tão grande para assistir a um filme que as possibilidades trazidas pelo que foi “maravilha que viera para ficar” são hoje bem obsoletas.

Enfim, “rei morto rei posto” – diz a sabedoria popular. Morto o velho paradigma das mídias nacionais e em plena juventude o contemporâneo paradigma das mídias globais, o mundo é outro. As relações sociais de todos os tipos estão radicalmente modificadas quando comparadas com as existentes há poucas décadas atrás. O novo paradigma que está no centro do mundo globalizado, trouxe conforto e vantagens, entre as quais, fazer as informações circularem ao vivo, permitir que políticas públi-

cas de combate à exclusão surgissem e possibilitar que pessoas separadas por grandes distâncias geográficas interajam, articulem interesses e coloquem coletivamente suas demandas ao sistema político. Mas o paradigma das mídias globais engendrou também um conjunto de novos e complexos problemas que dão panos para mangas. Entre estes a formação de oligopólios internacionais da comunicação que, segundo muitos estudiosos, se configura numa ameaça à democracia pela manipulação das formas de pensar, sentir e agir em escala mundial. Isto de forma tão intensa só imaginada em 1984, a antiutopia, o romance pesadelo de George Orwell.

Aluizio Alves Filho

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Notas

1. Atual Rádio MEC.
2. Sobre o assunto ver Renato Ortiz, op. cit., p. 39 e 40.
3. Numa abordagem de maior fôlego e especificamente sobre as empresas pioneiras da cinematografia nacional, a Cinédia, fundada por Adhemar Gonzaga no Rio de Janeiro no bairro de São Cristóvão, em 1930, quer seja por ter sido a primeira no ramo, quer seja pelos clássicos que produziu como *Limite* (1931), *Ganga Bruta* (1933), *Bonequinha de seda* (1936) e *O ébrio* (1946), entre outros, não poderia deixar de ser objeto de estudo acurado. A Cinédia é uma empresa em atividade, atualmente se dedicando à preservação da memória cinematográfica brasileira.
4. A esse respeito ver “O cinema brasileiro não tem espaço de exibição”, entrevista do cineasta Silvio Tendler em *Caros Amigos*, março de 2011.
5. Ver, de Fernando Morais, *Chatô o rei do Brasil*, 2008.
6. Ver Renato Ortiz, op. cit., p. 47 e 48.
7. Sobre o assunto ver de Luciano Magno, *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro, 2012.
8. Inicialmente o título da revista era *Cruzeiro* e só a partir de 1941 passou a ter o título de *O Cruzeiro*.
9. Componente da Expedição Roncador-Xingu, o sertanista Ayres C. Cunha conheceu a índia Diacuí na taba dos Kalapaios, da qual Diacuí era membro. O romance entre o sertanista e a índia, coberto em diversas matérias publicadas por *O Cruzeiro*, provocou grandes polêmicas envolvendo os que apoiavam o casamento e os que se opunham por um evidente viés racista. Chateaubriand foi padrinho do casamento realizado no Rio de Janeiro. O casamento civil ocorreu em 26 de novembro de 1952 e o religioso, na Igreja da Candelária, três dias depois, em 29 de novembro. Diacuí faleceu ao dar a luz à sua filha. (Ver: Ayres Câmara Cunha, 1976).
10. Fotografias do disco voador sobrevoando o céu da Barra da Tijuca-RJ, tiradas pelo fotógrafo Ed Keffel e que foram objeto de matérias redigidas pelo repórter João Martins em números publicados em 1952 em *O Cruzeiro* e geraram reações de estupefação, receio e surpresa e cuja autenticidade da foto é objeto de polêmicas

até hoje, estão reproduzidas e comentadas na página 100 do importante livro-documento de Oswaldo Munteal e Larissa Grandi *A imprensa na história do Brasil*, 2005.

11. *Política de boa vizinhança (good neighbor policy)* era a denominação da política externa norte-americana proposta pelo presidente Franklin Delano Roosevelt em 1933 para tentar amenizar as desgastadas relações dos Estados Unidos com a América Latina; desgastes causados pelas frequentes intervenções armadas norte-americanas em questões políticas internas da região.

12. Durante a realização da Copa de 70 o Brasil estava mergulhado numa grave crise de legitimidade política com seguidas manifestações da UNE e de outras organizações da sociedade civil contra o regime ditatorial implantado no país pelo golpe militar de 1 de abril de 1964. Essas manifestações foram brutalmente reprimidas pelo governo. Sobre o assunto, relacionando acontecimentos da Copa de 70 e a repressão recomendamos assistir o filme *Pra frente Brasil* (1982), roteiro e direção de Roberto Farias.

13. O outro país da Europa ocidental onde houve ditadura no período considerado foi a Grécia. Esta ditadura, como a portuguesa, caiu em 1974 quando foi derrubado o governo militar no país, sendo sucedido por Karamanlis, eleito em pleito democrático.

14. Na Argentina e na Bolívia houve mais que uma ditadura no período considerado. O ano colocado é o da implantação da 1ª, conforme no corpo do texto explicamos.

15. No período, houve também ditaduras no continente americano que não foram apoiadas pelos Estados Unidos e sim pela União Soviética, sendo Cuba o caso mais notório.

16. Sobre o assunto ver, de Bernardo Kucinski e Sue Branford, *A ditadura da dívida*, 1987.

17. A 1ª edição em inglês (*Brave new world*) é de 1932.

18. Sobre o assunto ver: Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 1967. A primeira edição em alemão (*Die protestantische ethik und geist deskapitalismus*) é de 1904. Ver também: Robert W. Macchesney, op. cit. p. 222 e 223.

Referências bibliográficas

ALVES FILHO, Aluizio. Aspectos políticos e administrativos da formação do Estado Nacional brasileiro (1808-1889). FGV/ISCTE. *Revista Brasileira e Portuguesa de Gestão*, vol. 7, n. 4, 2009.

_____. Sobre o advento da neoliberal democracia. In: *Contemporânea*, vol. IV - n. 1, Rio de Janeiro: 1998.

ANHEMBI. Cinema de 30 dias: Caiçara e Ladrões de Bicicleta. São Paulo. *Anhembi*, n. 1, 1951.

CAROS AMIGOS. Entrevista Silvio Tendler. “O cinema brasileiro não tem espaço de exibição”, n. 168, março de 2011.

CUNHA, Ayres Câmara. *A história da índia Diacuí*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Hemus, 1969.

KUCINSKI, Bernardo e BRANFORD, Sue. *A ditadura da dívida*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

McCHESNEY, Robert W. Mídia global, neoliberalismo e imperialismo. In: MORAES, Dênis. *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo: Record, 2004.

McLUHAN, Hebert Marshall. *The Gutenberg galaxy*. Toronto University, 1967.
MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira – os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*, vol 1. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.
MORAIS, Fernando. *Chatô o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
MUNTEAL, Oswaldo e GRANDI, Larissa. *A imprensa na história do Brasil – fotojornalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Desiderata, 2005.
ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira – cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo. Brasiliense, 1988.
ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Brasiliense, 1972 (1949).
TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
VEJA. A libertação do vídeo. São Paulo, n. 672, 22 de julho de 1981.
VIRGILIO, Paulo. Primeira transmissão de rádio no Brasil. www.agenciabrasil.ecb.com.br. 7 de setembro de 2012.

Filme

Pra frente Brasil. Roteiro e direção de Roberto Farias, 1982.

Recebido em março de 2013

Aceito em maio de 2013

Resumo

O propósito do artigo é o de colocar em relevo um conjunto de circunstâncias históricas e sociológicas que, tendo precedido o nascimento do paradigma das mídias globais, contribuíram para a sua configuração na última década do século passado. Objetiva, também, especificar em que consiste o paradigma das mídias globais, assim como o papel de grande relevância que exerce no mundo contemporâneo.

Palavras-chave

Prelúdio; Revolução científico-tecnológica (RCT); Paradigma das mídias nacionais; Paradigma das mídias globais.

Abstract

The purpose of this article is to relief a set of stories and sociological circumstances that have preceded the birth of the paradigm of global. It also aims to specify what constitutes the paradigm of global media as well with the role of great importance it plays in the contemporary world.

Keywords

Prelude; Scientific Technological Revolution (STR); National Media Paradigm; Global Media Paradigm.